

AMÉRICA LATINA: NEGRITUDES E IDENTIDADES EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

Cristian Paula Santana¹

Leoné Astride Barzotto²

RESUMO: Este artigo tem por intuito refletir sobre a região do globo denominada América Latina bem como sua identidade manifestada pela Negritude nestes tempos atuais de globalização. Para tanto, dialogaremos com teóricos como Aimé Césaire e Frantz Fanon para discutir as questões da Negritude, e com Aníbal Quijano, Walter Mignolo e Emir Sader, teóricos latino-americanos que teorizam e produzem saberes pela perspectiva da margem.

Palavras-chave: América Latina; Identidade; Negritude.

ABSTRACT: This article aims to reflect about the region of the globe called Latin America as well as its identity manifested by Blackness in these current times of globalization. For that, we will dialogue with theoreticians like Aimé Césaire and Frantz Fanon to discuss the issues of Negritude, and with Aníbal Quijano, Walter Mignolo and Emir Sader, Latin American researchers who theorize and produce knowledge from the margin perspective.

Keywords: Latin America; Identity; Blackness.

1. Introdução

Em meados do século XV, buscando chegar à Índia Cristóvão Colombo chega à América, redescobrimo assim o continente. Importante deixar claro que o continente não foi “descoberto”, pois, há séculos, já havia população nativa no território. Para continuar com seus empreendimentos ideológicos imperialistas a Europa colonizou não só as terras americanas, mas todos que já estavam instalados na região, pois possuir a terra é possuir sua gente.

Infelizmente, algum tempo após a chegada dos europeus, muitos nativos foram dizimados, seja devido às doenças, à guerra ou até mesmo devido à escravidão. Aqueles que não morreram ficaram relegados ao jugo colonialista, servindo aos propósitos econômicos da

¹ Mestranda em Literatura e Práticas Culturais no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados. Bolsista CAPES.

² Professora Doutora da Universidade Federal da Grande Dourados.

Europa que tinham como intento a exploração das suas colônias. No mesmo momento em que os europeus chegaram às Américas, iniciou-se o processo de colonização, que, dizem alguns intelectuais, ainda não terminou; ao menos não a colonização das mentes numa investida neocolonial diante daquilo que Mignolo (2003) denomina de “colonialidade do poder”.

Grosso modo, a colonização pode ser entendida como o ato de ocupar ou povoar um espaço onde há ou não pessoas habitando. Há dois tipos de colônia: de povoamento e de exploração. As colônias de exploração recebiam este nome porque atendiam aos interesses mercantilistas devido ao clima tropical da região. Já as colônias de povoamento possuíam um clima temperado como o das metrópoles europeias, por isso eram possíveis de serem povoadas. No caso das Américas quase todo o seu território já possuía população nativa, logo, foram colônias de exploração.

Pensar a colonização é pensar na economia, pois a causa principal do empreendimento imperialista foi a expansão das economias e o aumento do capital das metrópoles. Existem inúmeros países que tiveram seus bens naturais devastados justamente devido o processo de colonização, países esses que estão sob o mando dos rótulos “subdesenvolvidos”, “país de Terceiro Mundo” e dentre outros, como consequência da ambição imperialista. A ganância do homem o levou a escravizar o seu semelhante. Para Quijano (2005, p. 21),

... foi exclusivamente o controle colonial da América e do trabalho gratuito de ‘negros’ e de ‘índios’, produzindo minerais e vegetais preciosos, que permitiu aos dominantes entre os colonizadores não só começar a ter uma posição importante no mercado mundial, mas sobretudo a concentração de ingentes benefícios comerciais, e junto com eles também concentrar em seus próprios países o assalariamento ou mercantilização da força de trabalho local.

Em ambos os casos, de exploração ou povoamento, o papel da colônia era contribuir positivamente para a economia da Europa. As metrópoles dependiam das colônias para abastecer seus cofres e instalavam nas suas possessões o sistema colonial mercantilista que era baseada ora em uma economia agrária voltada para o mercado externo, ora em uma economia agrária de base familiar ou servil. O que havia nas colônias e o que elas produziam era exportado. Muitos países colonizadores construíram suas riquezas baseadas nesses

sistemas de exploração, que valia-se não só dos bens naturais mas também valia-se de trabalho escravo.

A colonização foi um projeto que buscou dominar todas as áreas da colônia como, por exemplo, a religião, a língua, a economia, a cultura, a identidade, a política e até mesmo os corpos através da escravidão. A liberdade se tornou utopia e a morte considerável. As perdas das colônias e os ganhos das metrópoles foram tão extremos que as consequências do episódio colonial se manifestam até os dias atuais.

Todos os atos imperialistas tiveram uma motivação econômica. As colônias deveriam - e foram - a periferia na dinâmica mundial econômica, já que suas riquezas naturais e toda a sua produção agrária era exportada para a metrópole e para os países que eram autorizados por ela. Essa situação se perpetuou por muito tempo, mas felizmente, essa dinâmica está em transformação. Países latino-americanos estão conseguindo cada dia mais a independência econômica saindo da sombra colonialista e gerindo seu próprio destino, em um processo autocrítico e protagonista na esfera econômica ocidental.

2. América Latina

Para além do processo de colonização e dos governos ditatoriais, há outro elo entre os países que compõem a América Latina: o elevado número de misturas culturais. Obviamente que em tempos de pós-modernidade todos os países são compostos por muitas culturas, mas a maior característica é o extremismo multicultural latino-americano; uma soma amalgamada de hibridização, miscigenação e sincretismo.

A própria miscigenação e o multiculturalismo compõem a identidade latino-americana, fazendo dela uma região única. Portanto, compreender os fenômenos coloniais coopera para que, tanto a população latino-americana, quanto as outras nações concebam suas identidades individuais e coletivas.

A colonização, devido ao seu entrelaçamento com a escravidão, não afetou somente a concepção das questões de raça, do contrário, abrangeu todas as áreas da sociedade. Sobre essas transformações sociais, Guilherme Johnson (2013, p.19), sociólogo brasileiro, diz que

São inegáveis as profundas mudanças que o continente americano vivenciou desde o início da sua colonização, no que se refere à sua composição

demográfica, aos desenhos institucionais, às mutações das persistentes estruturas de classes, às transformações das características da produção de bens, às modalidades históricas do relacionamento com as riquezas naturais ou das diferentes formas que, no decurso até o presente, os países e regiões construíram relações de intercâmbio cultural, político e econômico entre si e com os países fora do continente.

Muitas colônias antes de serem “descobertas” pelos europeus possuíam seu próprio sistema de produção de bens de consumo, seu próprio sistema de classes que foram substituídos pelos modelos dos colonos. Além de usurpados da liberdade muitos países colonizados ficaram relegados ao rótulo de selvagens, primitivos e outros adjetivos em tom de escárnio. O colonizador construiu para si a imagem messiânica, como o salvador dos pobres e perdidos, e essa imagem ainda está incrustada nas mentes das ex-colônias e das antigas metrópoles.

O campo político dos países colonizados mudou drasticamente, já que o empreendimento imperialista teve motivações quase que exclusivamente econômicas. A Europa visava o domínio das colônias a todo o custo: domínio cultural, econômico, político, religioso, identitário, dos corpos, dentre outros. Não bastava colonizar as terras era preciso colonizar os corpos, as mentes e o saber para que assim o projeto imperioso durasse. De acordo com Johnson (2013, p. 25),

Durante o colonialismo, que compreende o período em que o continente americano foi ocupado pelos europeus até o século XIX- com diferenças temporais de cada país no término desta relação-, a Coroa comandava o processo decisório, escolhia diretamente os funcionários para executar suas ordens e determinava as regras econômicas às quais os habitantes das colônias deviam se submeter.

Por mais que se desenvolvessem economicamente as colônias continuavam sob o jugo das metrópoles. Buscavam todos os meios para manter o poderio, desde a escravidão até a limitação das relações de exportação das colônias. Atualmente, muitas ex-colônias encontram-se com suas economias sub-desenvolvidas justamente devido à este processo exploratório do passado. As grandes metrópoles e países de primeiro mundo estão nessa situação graças à colonização também.

Grandes impérios foram construídos graças à exploração da América Latina, abusaram das terras, das riquezas naturais, da mão de obra escrava a fim de tornarem-se grandiosas

nações. Os aldeões vaidosos ³ainda ousam dizer que sem a colonização os explorados estariam perdidos, como se o processo colonial fosse uma salvação para a América.

Há indícios de que o projeto imperialista que usou a colonização como ferramenta de dominação e exploração ainda não terminou, ao menos não ideologicamente. Os grandes monopólios dos sistemas de comunicação podem explicar, por exemplo, o fato dos E.U.A. serem uma grande hegemonia no mundo contemporâneo. Em “Mirar Adentro”, a poetisa cubana Nancy Morejón (2001, p. 118) expõe essa herança colonial que tanto persegue os povos ex-colonizados, veja abaixo:

*Mirar Adentro
Del siglo dieciseis data mi pena
y apenas lo sabía
porque aquel ruiseñor
siempre canta en mi pena.⁴*

O poema traz referência do início da pena do eu-lírico datar do século XVI, pois é a partir desse século que homens africanos foram levados a Cuba para serem escravizados. Apesar de a dor datar de tempos atrás, essa mesma dor permanece constante em sua vida, essa é a colonialidade do poder. Dor constante porque não se findou, mas se transvestiu com outras máscaras não mais europeias, mas norte-americanas.

Para a América Latina, o século XX foi de extrema importância para as transformações sociais, pois o período trouxe consigo pontos de democratização incontestáveis como, por exemplo, o fim oficial da escravidão, a igualdade legal entre os homens, o fim formal do colonialismo (independências) e a alfabetização para todos. De acordo com Emir Sader (2000, p. 95),

³ Expressão utilizada por José Martí em Nossa América para caracterizar aquele que “acha que o mundo inteiro é sua aldeia e desde que seja ele o prefeito, ou podendo se vingar do rival que lhe tirou a noiva, ou desde que mantenha os cofres cheios, acredita que é certa a ordem universal, ignorando os gigantes que possuem botas de sete léguas e que podem lhe pôr a bota em cima, bem como a luta dos cometas lá no Céu, que voam pelo ar, adormecidos, engolindo mundos” (MARTÍ, José. “Nossa América”. Trad.: Maria Angélica de Almeida Triber. SP: HUCITEC, 1983. 254 p.194).

⁴ Olhar para dentro
Minha dor data do século XVI
e apenas eu sabia
porque aquele rouxinol
canta sempre na minha dor [tradução minha].

... foi apenas no século XX que a América Latina começou a pesar na história mundial. Economias primário-exportadoras até entrado o século XX, as sociedades latino-americanas não protagonizaram acontecimentos importantes nem tiveram força para fazer pesar seus interesses no mundo antes do transcurso do novo século.

Tal panorama se deve ao fato de alguns episódios latino-americanos transcorrerem durante o século XX. São eles: massacre da Escola de Santa Maria de Iquique (1907); Revolução Mexicana (1910); reforma universitária de Córdoba na Argentina (1918); Revolução Boliviana (1952); Revolução Cubana (1959); Revolução Nicaraguense e de Granada (1979), dentre outras. Era o período das revoluções as quais definiriam a sociedade, a política, a identidade e a cultura latino-americanas.

Apesar do furor do século XX em busca de uma independência total latino-americana, ainda hoje existe uma hegemonia mundial, um controle por parte da ideologia imperialista a qual produz, reproduz e controla subjetividades como, por exemplo, o conhecimento, as mentes, o saber, a cultura, a língua, a religião, a política e as identidades a fim de manter o poder das grandes potências econômicas.

Porém, todo o entusiasmo em torno das fragmentações, contradições, miscigenações e hibridismos não anulam a ideologia de dominação. Ainda hoje muitos países, em especial os da região da América Latina, encontram-se sob um novo padrão de poder talvez mais perigoso que o antigo. Esse novo padrão de poder se camufla entre os discursos idealistas e inconscientes de globalização, pós-modernidade e democracia racial⁵, como se todos esses processos respeitassem as diferenças e a diversidade de cada nação em específico, o que não é verdade. Essas são novas formas de dominação e exploração social.

Existe uma vasta diversidade cultural na A.L., aliás, essa característica é o que a difere do restante do mundo. A variedade encontrada nessa região do globo abrange todos os campos: cor de pele, música, comida, danças, dentre outros. A riqueza é vista no tango, na lambada, no samba, na cúmbia, no bolero, no mambo, no café, no tereré, no mate, na cachaça, no pisco, na chicha, nos vinhos, e vão além.

⁵ Os fenômenos sociais denominados de *globalização, pós-modernidade e democracia racial* são utilizados muitas vezes para conservar o novo padrão de poder difundindo a crença de que “todos somos iguais”, anulando as diferenças e silenciando vozes que intentam dar visibilidade aos marginalizados socialmente.

Porém quando a América Branca⁶ se junta à Europa a fim de padronizar as culturas, as raças, as línguas, as músicas e as danças, passam a hierarquizar os povos e suas manifestações identitárias. Sobre essas novas hierarquias, Hugo Achugar (2006, p. 82) diz que

As transformações e os desafios políticos, tecnológicos e sociais de nosso presente continuam, todavia, e de fato, reproduzindo as hierarquias entre as classes sociais, entre as regiões e entre os países dos diferentes mundos que coabitam no planeta. Ao mesmo tempo, não se tem podido erradicar a existência de estereótipos na representação que uns fazem dos outros. Mais ainda, essas transformações continuam reproduzindo as representações culturais e políticas sobre o *outro*, localize-se o *outro* na aldeia, no centro ou na periferia.

A dominação e as hierarquias continuam nas microestruturas de diferentes formas e de modo cíclico. Mas o que romperia com esses fenômenos? A conscientização seria um bom começo. O ser humano precisa compreender sua trajetória na história da humanidade, precisa entender seu contexto sociocultural para que assim as mudanças estruturais sobre as hierarquias se efetivem.

Durante a colonização as metrópoles construíram a imagem de suas colônias para o restante do mundo. Eles difundiam o Novo Mundo com um rótulo onde residiam seres selvagens que careciam ser civilizados e catequizados. Como toda identidade é construída através da alteridade, ao estereotipar os colonizados como seres selvagens os colonizadores tomam para si a imagem de salvador, o messias que traz a salvação aos seres necessitados. Eurídice Figueiredo (2010, p. 45) acredita que

A imagem negativa dos hispano-americanos nos Estados Unidos foi construída, até meados do século XIX, em torno dos termos catolicismo, indolência, ignorância e falta de iniciativa, que se oporiam à imagem que os norte-americanos faziam de si próprios, protestantes, trabalhadores e empreendedores, ou seja, as oposições culturais eram fixas.

O mundo havia se consolidado por meio das dicotomias: negro/branco, civilizado/selvagem, colonizador/colonizado, mas atualmente essas dicotomias estão se aposentando. Pensar o mundo atual é pensar as fragmentações, os hibridismos, as

⁶ Termo aqui utilizado para designar os americanos residentes nos Estados Unidos da América, que conservam em suas mentalidades a ideologia imperialista.

miscigenações, as misturas religiosas, étnicas, culturais, políticas, econômicas e assim por diante. Conceber o mundo em categorias fixas é, portanto, um disparate.

3. Movimento da negritude

O Movimento da Negritude possui origens remotas, mas é consenso entre os teóricos o fato de que foi a Revolução Haitiana que deu início à ideologia do movimento, ocorrida entre 1791 e 1804, pondo o Haiti no mapa mundial. O nome Revolução dá-se pelo motivo do Haiti ser o primeiro país colonizado a conseguir independência através da união dos povos colonizados.

O Haiti foi a primeira república negra erguida através da guerra entre os franceses e os homens negros escravizados, na qual o poder Francês foi tomado com muito sacrifício pelos haitianos. Mas, infelizmente, a ideologia imperialista não deixou barato tanta petulância, pois o país sofreu bloqueio comercial da Europa e da América do Norte escravagista por aproximadamente 60 anos. Nas palavras de Eduardo Galeano, em artigo publicado na Carta Maior em 19 de janeiro de 2010,

Em 1803 os negros do Haiti deram uma tremenda sova nas tropas de Napoleão Bonaparte e a Europa jamais perdoou esta humilhação infligida à raça branca. O Haiti foi o primeiro país livre das Américas. Os Estados Unidos tinham conquistado antes a sua independência, mas meio milhão de escravos trabalhavam nas plantações de algodão e de tabaco. Jefferson, que era dono de escravos, dizia que todos os homens são iguais, mas também dizia que os negros foram, são e serão inferiores. A bandeira dos homens livres levantou-se sobre as ruínas. A terra haitiana fora devastada pela monocultura do açúcar e arrasada pelas calamidades da guerra contra a França, e um terço da população havia caído no combate. Então começou o bloqueio. A nação recém nascida foi condenada à solidão. Ninguém comprava do Haiti, ninguém vendia, ninguém reconhecia a nova nação.

Até hoje o país sofre com péssimas condições sociais, justamente como consequência da retaliação econômica sofrida pela ousadia de ser um país independente sendo um dos mais pobres da América Latina, sem citar os desastres naturais. Mas o problema da Revolução Haitiana ocorreu quando, ao invés de buscar pura e somente a independência, buscou-se a inversão dos papéis entre dominadores e dominados. Os homens negros ex-escravizados que lutaram contra o imperialismo e para tomar o poder francês perpetuaram a dominação e

reproduziram a exploração que sofreram dos homens brancos. Também pudera, era o único modelo de governo que eles conheciam.⁷

A Revolução Haitiana é considerada por muitos teóricos⁸ como uma das primeiras manifestações da Negritude. De acordo com Césaire (2010, p. 09), a negritude é uma “... vasta proposta de ação e de pensamento social transformadora, gestada no ventre de uma singular experiência histórica.” De fato, no Haiti deu-se uma singular experiência histórica na qual foi uma iniciativa dos povos negros em busca da liberdade. Um pensamento totalmente negro, um pensamento liminar, como diria Walter Mignolo (2003).

Esse movimento constitui-se como uma luta social que não se restringe ao campo político, do contrário, é um movimento que afeta e reflete em todos os campos e áreas das relações sociais. De início o Movimento da Negritude nasce um movimento cultural, contrário ao discurso colonial, em seguida assume uma veia política, pois surgiu em resposta ao preconceito e à colonização. De acordo com Zilá Bernd (1988, p. 22-23),

O escritor norte-americano William Edwards Du Buis (1868-1963) pode ser considerado como o ‘pai’ do movimento de tomada de consciência de ser negro, embora o termo *negritude* só viesse a ser cunhado muitos anos mais tarde.

De fato, esse foi um dos primeiros sociólogos a lutar contra as forças imperialistas. Alguns jovens intelectuais nascidos nas Antilhas e na África, antigas colônias europeias, foram à Paris estudar e, inseridos pela primeira vez em um ambiente branco, perceberam na pele o que é ser negro, ou melhor, reconheceram-se negros. Dentre esses intelectuais estavam Aimé Césaire (Antilhas), Léopold Sédar Senghor (África) e Léon Damas (Guiana Francesa) que mais se destacaram no Movimento da Negritude.

Em 1932, os jovens estudantes fazem um “Manifesto da Legítima Defesa” no qual denunciam a exploração dos povos negros e suas consequências na dominação intelectual mundial. Em 1933 ocorre uma efervescência do colonialismo no globo, mas na mesma época, em 1935, esses intelectuais criam o jornal intitulado “L’Étudiant Noir” (O estudante Negro) que teve por finalidade a publicação de textos engajados com as questões negras.

⁷ Episódio splendidamente retratado na literatura por Alejo Carpentier em “O reino deste mundo” (1949).

⁸ Como, por exemplo, Zilá Bernd.

No ano de 1939 Aimé Césaire publica “Cahier d’un retour au pays natal” (Diário de um retorno ao país natal), no qual pela primeira vez surge o termo *Negritude*. A palavra *Negritude* surge do vocábulo *Nègre* que era usado de forma pejorativa para caracterizar os negros em território francês, tendo o seu sentido revertido de forma positiva para nomear o Movimento como exemplificado no trecho a seguir:

E nem o mestre na escola, nem o padre no catecismo poderão arrancar uma palavra desse negrinho sonolento, apensar da sua maneira tão enérgica de tamborilar sobre seu crânio raspado, pois foi nos pântanos da fome que se afundou sua voz de inanição... (CÉSAIRE, 2012, p. 15).

Realmente foi nos pântanos da fome que se afundou sua voz de inanição, foi de um termo insultuoso que deriva a *Negritude* a oportunidade dos povos injustiçados ecoarem seus gritos e se expressarem política e culturalmente. Fizeram uma verdadeira antropofagia ideológica, se agregaram de forma tão poderosa que criaram algo inimaginável dessa deglutição.

Nancy Morejón retrata o cenário latino-americano com todas as suas configurações no poema “Historia de un Pastor” (2001, p. 62), veja a seguir:

Historia de un Pastor
Qué tristes son las cosas que han pasado.
Mataron al cordero y a la cabra.
Mataran a los hijos del cazador
y saquearon sus chozas.
Nada pudo quedar en pie
Sino la lluvia fina
sobre la tierra calcinada
y el plumaje cenizo de un ruiseñor.
El humo iba elevándose
desde el estiércol
de las ovejas.
En médio de la colina gris,
hay un pastor sin lágrimas
con su túnica blanca.
Tiene el rostro apacible
y, mientras pasea su mirada
a través del paisaje
allá en lo alto de la colina,
aparta tierra húmeda
y siembra unas semillas elementales,
con sus manos tranquilas.

*Un ave cruza el cielo.
La boca del pastor entona, a solas,
una plegaria también elemental
que termina con estas palabras:
África estás en mí.
Aquí planto una brizna de aliento,
aquí renasceremos.
Aquí seremos dueños otra vez
de nuestros días y nuestros bosques.
Volveremos al país eterno de nuestros padres,
al país de nuestros sueños.*⁹

Neste poema Morejón evoca reminiscências passadas, coloniais e diaspóricas da voz lírica. A África deixa de ser um objeto de obsessão para retorno e transforma-se em um meio

⁹ História de um pastor
Quão tristes são as coisas que aconteceram.
Mataram o cordeiro e o bode.
Mataram os filhos do caçador
e eles saquearam suas cabanas.
Nada poderia ficar de pé
Se não a chuva fina
sobre a terra queimada
e a plumagem cinzenta de um rouxinol.
A fumaça estava subindo
do estrume
das ovelhas.
No meio da colina cinzenta,
há um pastor sem lágrimas
com sua túnica branca.
Ele tem um rosto gentil
e, enquanto ele caminha seu olhar
através da paisagem
lá no alto da colina,
reserva terra úmido
e semeia algumas sementes elementares,
com suas mãos quietas.

Um pássaro cruza o céu.
A boca do pastor entoa sozinha
uma oração também elementar
que termina com estas palavras:
África está em mim.
Aqui planto uma migalha de encorajamento
aquí vamos renasceremos.
Aqui nós seremos donos novamente
dos nossos dias e nossas florestas.
Nós voltaremos para o país eterno de nossos pais,
para o país dos nossos sonhos [tradução minha].

de resgate histórico, para o renascimento de uma nova identidade e cultura que seja híbrida e consciente historicamente, enfim, para o (re) nascimento da Negritude.

Em 1948, o filósofo francês Jean-Paul Sartre publica o ensaio “Orfeu negro” no qual faz a primeira grande revisão crítica do Movimento da Negritude. O texto de Sartre dividiu opiniões entre os intelectuais da área. Para Zilá Bernd (1988, p. 31) o ensaio foi um célebre “alerta para o perigo de o movimento tornar-se, pela radicalização, um *racismo às avessas*”.

Frantz Fanon discorda veementemente. Para o psiquiatra e filósofo martinicano, Sartre prestou um desserviço ao movimento. Nas palavras de Fanon (2008, p. 121) “*Orphée noir* é um marco no intelectualismo do existir negro. E o erro de Sartre foi não apenas querer chegar à fonte da fonte, mas, de certo modo, secar a fonte”.

Aos olhos de Fanon, Sartre desmerece o movimento taxando-o como passageiro. Para o existencialista, a consciência era uma fase que iria ser substituída por outra mais importante. A negritude seria uma etapa que deveria ser superada até chegar a uma sociedade sem classes, ou seja, o movimento era efêmero. Fanon (2008, p. 122) acrescenta ainda indignado com a falta de consciência étnica de Sartre:

Em termos de consciência, a consciência negra se considera como densidade absoluta, plena de si própria, etapa anterior a toda fenda, a qualquer abolição de si pelo desejo. Jean-Paul Sartre, neste estudo, destruiu o entusiasmo negro. Contra o devir histórico, deveríamos opor a imprevisibilidade. Eu tinha necessidade de me perder absolutamente na negritude.

O que não se pode negar é que o texto sartreano foi uma das revisões mais importantes da Negritude, mas também é claro que se Sartre fosse negro ele sentiria o quão importante o movimento foi para os povos negros. O que lhe faltou foi sentir na pele ser negro e a necessidade do empoderamento, da exaltação negra. Em casos como esse se deve pensar na importância de intelectuais negros falando sobre os negros, não só na importância, mas também na necessidade da representatividade negra também no campo da produção do conhecimento.

Após o ensaio de Jean-Paul Sartre o movimento passou por fragmentações que subsistem até hoje. Alguns são críticos do fato do movimento prender-se somente à raça negra e outros críticos da hegemonia da raça sobre a classe. Essas divisões trouxeram não um enfraquecimento, mas pluralidade ao movimento.

A Negritude surge como uma valorização da cultura negra, como uma tomada de consciência de si do indivíduo negro, mas as mudanças atingem todos os campos do conhecimento e da sociedade, pois não se restringi ao campo político, modificando assim a linguagem e a literatura produzida pelos povos negros como um olhar negro sobre o mundo.

De acordo com Zilá Bernd (1988, p. 29), o Movimento da Negritude tem base em três correntes de pensamento: marxismo, surrealismo e existencialismo. Segundo ela,

O marxismo, por ser a força política mais apta a sustentar os colonizados em sua revolta; o surrealismo, por privilegiar o ‘primitivo’, solapando os valores racionalistas do Ocidente, adapta-se como uma luva a um movimento que pretende contrapor a EMOÇÃO à RAZÃO, o MÁGICO ao CIENTÍFICO; o existencialismo, por ser a filosofia segundo o qual o homem se define pela ação.

Por meio dessas três correntes de pensamento, o Movimento da Negritude é por si só, um movimento de resistência racial, social e cultural não só dos povos negros, mas de todos que se encontravam (e ainda muitos se encontram) oprimidos socialmente, permitindo assim, a descolonização das mentes.

4. Identidade

Esclarecer os conceitos ligados à identidade do sujeito negro é uma forma de pensamento liminar, ou seja, uma forma de conhecimento produzido pelas margens, pelos que não se encontram no centro da sociedade. Esses saberes marginais são produzidos em momentos de desarmonia e conflitos identitários. Para a investigadora brasileira, Zilá Bernd (1988, p. 14), “É justamente desse modo – como crise de identidade – que nasce o movimento da Negritude.”, portanto, é a Negritude a válvula de escape, o mecanismo que permitiu ao indivíduo negro o encontro com o seu eu como forma de re-enraizamento.

O sociólogo Gadea (2013, p. 78) vai de encontro com Zilá ao dizer que “... a negritude teria surgido da resistência e oposição aos estereótipos ‘introjetados’ na sociedade acerca do indivíduo negro e a sua vida em sociedade”. Era o momento de mudança de perspectiva sobre a História que fora contada sobre a população negra.

Os negros não serviam apenas para o trabalho escravo, para a reprodução e para o açoite. Um indivíduo negro não era simplesmente um corpo carne em si, mas também havia

sua subjetividade, uma mente pensante e capacidade de pensar e produzir conhecimento, elementos esses que deveriam ser levados em conta.

Zilá Bernd (1988, p. 11) diz que

O estereótipo parte de uma generalização apressada: toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só indivíduo. [...] A construção do estereótipo pode se dar por ignorância ou quando há um objetivo de dar como verdadeiro algo que é falso, com a finalidade de tirar proveito da situação.

De fato, hoje em dia esses estereótipos prosseguem justamente por isso, para perpetuar o privilégio branco dos antigos colonizadores e dos seus descendentes que herdaram esses privilégios e que ainda dizem acreditar no mito da meritocracia. Essas ideologias são devastadoras em nossa sociedade, pois passam anos e até séculos e ainda persistem nas relações interpessoais.

As identidades atuais tornam-se híbridas, fragmentadas, líquidas e descentradas justamente devido aos contatos culturais resultantes da colonização, da diáspora e da imigração. No entanto, persiste a ideologia da pureza racial e cultural das nações, porém as ex-colônias e as ex-metrópoles não são puras, seja a identidade, a cultura ou a etnia.

Um dos problemas atuais é que a Europa não assume completamente suas ações no passado. Césaire em “Discurso sobre o colonialismo” (2010, p. 36) diz que

... hoje os nativos da África ou da Ásia reivindicam escolas, e a Europa colonizadora as nega; é homem africano quem solicita portos e estradas, e a Europa colonizadora raciona; é o colonizado quem quer ir adiante, é o colonizador o que o mantém atrasado.[...] de nenhuma maneira escondo que penso que, no momento atual, a barbárie da Europa ocidental é incrivelmente grande, superada com acréscimos por uma única, é verdade: a estadunidense.

Hoje em dia muitas nações ex-colonizadoras fecham as portas para a imigração, ou seja, o passado colonial não era desejo de civilizar, ajudar e ensinar, era sim desejo de explorar as riquezas naturais e a mão-de-obra escrava, pois caso contrário os países ex-colonizados que se encontram em dificuldades econômicas encontrariam apoio em seus ex-colonos.

Ainda de acordo com Césaire (2010, p. 84)

A única dominação da qual já não se escapa mais é da estadunidense. Quero dizer da única que não se escapa completamente ileso. Posto que falam de fábricas e indústrias por acaso não veem, históricas, em pleno coração de nossos bosques e nossas selvas, cuspidando seu gás carbônico, a fábrica formidável, porém servil? Não veem a máquina nunca vista, a máquina de esmagar, de moer e de embrutecer aos povos? Não veem a prodigiosa mecanização (do homem!), a gigantesca violação do que nossa humanidade de espoliados soube preservar de íntimo, de intacto, de não decomposto?

Existe a possibilidade de outras dominações além da europeia e da estadunidense. Hoje em dia quase todos os países são dependentes economicamente dos E.U.A ou em algum outro aspecto. Por esse motivo para alguns teóricos, como Walter Mignolo, ainda persiste a ideologia imperialista, porém de diferentes maneiras, o que é denominado de colonialidade do poder nas novas configurações do sistema moderno mundial.

O domínio atual não é territorial, mas cultural e econômico, é a americanização de tudo ao nosso redor. Se alguém pretende aprender uma língua estrangeira, ela será a Língua Inglesa; se planeja as férias, elas serão em algum lugar dos E.U.A.; se quer se vestir conforme dita a moda, usará o que os norte-americanos estão vestindo. Inclusive a comida da vez é o fast food, porque a cultura idealizada é a mais próxima possível da cultura estadunidense.

Descolonizar as mentes implica em novas formas de pensamento, em um olhar novo sobre a História. Para Quijano (2005, p. 16) a colonização das mentes e dos saberes ainda persiste em nossos dias, já que perdura

... a armadilha epistêmica do eurocentrismo que há quinhentos anos deixa na sombra o grande agravo da colonialidade do poder e nos faz ver somente gigantes, enquanto os dominadores podem ter o controle e o uso exclusivo de nossos moinhos de vento.

Para descolonizar as mentes e o saber é preciso que a humanidade conheça a sua própria história através do seu próprio olhar. Quijano (2005, p. 17) prossegue suas reflexões dizendo que

A vasta e plural história de identidades e memórias (seus nomes mais famosos, maias, astecas, incas, são conhecidos por todos) do mundo conquistado foi deliberadamente destruída e sobre toda a população sobrevivente foi imposta uma única identidade, racial, colonial e derogatória, 'índios'. Assim, além da destruição de seu mundo histórico-cultural prévio, foi imposta a esses povos a idéia de raça e uma identidade racial, como emblema de seu novo lugar no universo do poder. E pior,

durante quinhentos anos lhes foi ensinado a olhar-se com os olhos do dominador.

Nesse contexto que surge o pensamento liminar, como uma nova forma de conceber o mundo de lê-lo através de outros olhos que não seja do colonizador, do aldeão vaidoso, do grande barão¹⁰ e do Próspero.¹¹ O mundo precisava ser repensado a partir das fronteiras, dos entre-lugares e das margens, enfim, dos indivíduos que não se encontravam no centro da sociedade (os ex-cêntricos).

O pensamento liminar é o pensamento da margem, é o fazer periférico sem a influência do outro, é desvincular do jugo da opressão, é a descolonização das mentes, do saber e da cultura. Mignolo (2003, p. 102) diz que o seu conceito de pensamento liminar

Emerge das histórias locais dos legados espanhóis na América. Mais especificamente, minha conceitualização emerge do conflito imperial entre a Espanha e os EUA, no século 19, que gerou a fronteira física entre o México e os EUA, mas também as fronteiras metafóricas encenadas nas histórias de Cuba/EUA, Porto Rico/EUA, que basicamente definem a configuração de latino-americanos/as ou hispânicos neste país.

O conceito de Pensamento Liminar desponta em um contexto local e específico: América Latina. Isso se dá justamente pela história da colonização e escravização, por isso o conceito deve sua existência à história local. São novas narrativas sobre o mundo que buscam mostrar outros pontos de vistas que surgem a partir da margem, não a verdade, mas outras maneiras de se pensar.

Nancy Morejón evoca no poema “Hablando con una Culebra” (2001, p. 130) um chamamento para o despertar latino-americano e caribenho. Chegou o momento do avivamento das margens:

Hablando con una culebra

*A ti también te dieron con un palo,
te estrujaron y te escupieron, te pisotearon siempre;
a ti, te mataron con delicia*

¹⁰ De acordo com Silviano Santiago em “As raízes e o labirinto da América Latina” (2006) aquele que sufoca o projeto de nação, que quer manter os seus privilégios; quer repetir a proposta eurocêntrica, o que pensa ser europeu, mas não é. É o grande navegador, civilizador.

¹¹ Em referência à peça “A tempestade” de William Shakespeare, que representa o colonizador, o senhor que traz civilidade aos nativos por meio da escravidão. SANTOS, Boaventura de Sousa. “Entre Próspero e Caliban. Colonialismo, Pós-colonialismo e interidentidade”. Novos Estudos CEBRAP, nº 66, Julho 2003, p. 24-29.

*y te echaron una maldición que hasta hoy hicieron cumplir.*¹²

O pensamento liminar, decolonial surge como forma de atender às necessidades de uma epistemologia própria da margem. Em “Hablando con una culebra” Nancy traça um paralelo entre a história bíblica e do povo negro. Assim como a cobra no episódio do jardim do Éden, a população negra teve sua história ocultada. A versão, a perspectiva e o ponto de vista da cobra não são conhecidos, da mesma forma a história não é contada pelo olhar dos marginalizados.

Na perspectiva de Mignolo, o pensamento liminar não intenta tirar um discurso do centro e por outro da margem no lugar, simplesmente busca destruir o centro ou ainda ter uma pluralidade de pequenos centros sem hierarquizações. Mignolo (2003, p. 128) ainda diz que “... o pensamento liminar se estrutura numa dupla consciência, uma dupla crítica atuando no imaginário do sistema mundial colonial/moderno e da modernidade/colonialidade”.

5. Considerações finais

O Movimento da Negritude configura-se dessa maneira como uma forma de pensamento liminar, já que foi erguido pelas mãos dos próprios oprimidos, que não estavam no centro da sociedade. Hoje em dia ela é manifestada cada vez que um indivíduo negro exterioriza sua identidade, seja por meio de um pensamento próprio, uma música com raízes africanas e por meio da aceitação de suas características físicas.

A cor da pele era a única diferença, mas por essa característica disseram que os negros eram inferiores, tinham o cérebro menor, portanto, era “natural” que fossem escravizados. Dessa maneira, compreender movimentos como o da Negritude faz com que haja mais respeito das diferenças, das histórias outras não oficiais. Portanto, pensar o passado é compreender a construção identitária de um povo é entender os processos de miscigenação cultural que compõem uma nação. Para Stuart Hall (2015, p. 47)

¹² Conversando com uma cobra
Eles também te deram com um pau,
Eles te apertaram e cuspiram em você, eles sempre pisaram em você;
a ti, te mataram com prazer
e te puseram uma maldição que até hoje eles fazem cumprir.
ve no seu devido lugar.

... as sociedades da periferia têm estado *sempre* abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. A ideia de que esses são lugares ‘fechados’ – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a ‘alteridade’: uma ‘fantasia colonial’ *sobre* a periferia, mantida *pelo* Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como ‘puros’ e de seus lugares exóticos apenas como ‘intocados’.

O que por muito tempo foi encarado como o padrão, como o único modelo, como referência de beleza, de cultura, de civilização, de conhecimento, passa a ser questionado e a ser refutado pelo Movimento da Negritude. A História narrada pela Europa não é a única possível de ser relatada, há outras perspectivas históricas que merecem atenção.

O imaginário da pureza racial e cultural faz parte do perigo das histórias únicas que constituem novas formas de efetivar uma segunda forma de colonização, dessa vez a colonização das mentes. O Movimento da Negritude atual vem justamente ao embate dessa colonialidade do poder, desse imperialismo norte-americano que se impõe através de seu poder econômico.

Um movimento de luta e resistência, mas principalmente um movimento de afirmação da identidade negra, da identidade dos povos oprimidos pelo imperialismo, porque um povo sem cultura é um povo sem identidade, por isso Césaire acredita que as lutas atuais devem focar não apenas na Negritude, mas também, e principalmente, no racismo que violenta o ser humano injustiçado.

6. Referências

ACHUGAR, Hugo. “*Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura.*” Trad.: Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BERND, Zilá. “*O que é negritude*”. Coleção 209, Primeiros Passos. SP: Editora Brasiliense, 1988.

CÉSAIRE, Aimé. “Discurso sobre a Negritude”. Trad.: Ana Maria Gini Madeira. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CÉSAIRE, Aimé. “Discurso sobre o colonialismo”. Trad.: Anísio Garcez Homem. Editora Letras Contemporâneas, 2010.

CÉSAIRE, Aimé. “Cahier d’un retour au pays natal/ Diário de um retorno ao país natal”. Trad.: Lilian Pestre de Almeida. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

FANON, Frantz. “Pele negra, máscaras brancas”. Trad.: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. “Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura”. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GADEA, Carlos A. “Negritude e pós-africanidade: críticas das relações raciais contemporâneas”. Porto Alegre: Sulina, 2013.

HALL, Stuart. “A identidade cultural na pós-modernidade.” Trad.: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. RJ: Lamparina, 2015.

JOHNSON, Guilherme. “A quimera democrática na América Latina: o Brasil sob o império”. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2013.

MIGNOLO, Walter D. “Histórias locais/projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar”. Trad.: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOREJÒN, Nancy. “Black woman and other poems/ Mujer negra y otros poemas”. Londo, UK: Mango Publishing, 2001.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: “A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais”. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SADER, Emir. “Século XX, uma biografia não-autorizada: o século do imperialismo”. Ed: Fundação Perseu Abramo. 2000.